

As narrativas do aqui e agora no campo das mídias digitais

Wellington PEREIRA¹

Resumo

Este ensaio tem como principal objetivo demonstrar como se dá a relação entre as narrativas produzidas no cotidiano e as mudanças de paradigmas do ato de narrar pelas novas mídias – denominadas mídias digitais. O nosso objetivo é de demonstrar que se faz premente a compreensão das retóricas de apreensão das realidades a partir de novas temporalidades narrativas.

Palavras-chave: Tempo. Narrativa. Vida cotidiana.

Introdução

“Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede”.
(Fernando Pessoa.)

Um dos problemas enfrentados na compreensão das narrativas do aqui e agora (enredos estético-temporais do cotidiano) são os conflitos estabelecidos entre o tempo vivido, o tempo histórico e o tempo midiático.

Os tempos das grandes narrativas – teológico e literário – são recursos determinados pelas culturas na construção do mundo da vida e na quantificação e qualificação dos signos do cotidiano: auxiliam os exercícios de percepção estética das narrativas do aqui e agora.

O problema tem sido como localizar o ser nas passagens do tempo vivido para o tempo histórico e deste para o tempo midiático – ou em ordem inversa.

Seguindo uma trilha conceitual proposta por Paul Ricoeur, o tempo histórico reconfigura a temporalidade social a partir do uso de instrumentos de pensamentos,

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB

como o calendário, pois a função dessas ferramentas é estabelecer a fixação de ideias que garantem a fluidez das ações em sociedade.

Os instrumentos de pensamento são responsáveis pela conexão entre o tempo vivido e o tempo histórico socialmente determinado, como nos explicita Paul Ricoeur, em seu livro, Tempo e narrativa- Volume III, à página 176.

Nessas conexões, poderíamos pensar a importância da poética, cuja função – de acordo com Ricoeur é resolver as aporias dos tempos vivido e histórico – de forma a ler os choques temporais nas narrativas do aqui e agora.

A poética se desloca do tempo vivido para o tempo histórico a partir da necessidade da cristalização das ações dos sujeitos inscritas nos movimentos sociais, e dos recursos míticos que têm a função de alargar o tempo, dos rituais capazes de devolver o mito às narrativas do aqui e agora através de um exercício de profanação.

Se o tempo do histórico ou universal- tempo do calendário- é “crônico” – como explicita Ricoeur citando Benveniste -, o tempo vivido é o tempo dos mitos, dos reinos dos predecessores e dos antecessores – de acordo com a dimensão anônima dos sujeitos em comunidade.

Assim, podemos afirmar que o tempo vivido está para as linguagens, assim como o tempo histórico está para a língua: semióticas e semiologias demarcando socialidades (o estar-junto desinteressado entre as pessoas) e o contrato simbólico do viver de acordo com determinado modelo de sociedade.

Mas qual a relação que o tempo vivido e o tempo histórico mantêm com as narrativas do aqui e agora?

Nas narrativas do aqui e agora perpassam vários tempos encetados pelas ações dos sujeitos, mas todos eles pertencendo a dois grandes instrumentos de pensamentos: 1) o mito; 2) o rito.

Como o tempo do vivido tem um caráter fenomenológico – estabelece que as províncias dos significados não sejam pré-determinadas pela razão conceitual – os conceitos se chocam contra palavras, palavras contra conceitos -, pois do mito ao rito há necessidade de pôr em movimento as formas geométricas vivenciadas no cotidiano.

O tempo vivido é – ao mesmo tempo – mítico e ritualístico, o tempo histórico esvazia o mítico em detrimento do ritualismo, porque tem a necessidade de “se apresentar como tempo consequente”.

Nas narrativas do aqui e agora – em tempos pós-modernos, o desafio da poética – quer seja literária ou não, é resolver as aporias do tempo midiático.

O tempo midiático se tornou escandido no tempo vivido e substituiu o mito pela persona, o rito pelo espetáculo.

Ao tempo midiático não interessa a demonstração conflituosa entre os sujeitos e as regras da sociedade, porque isso é de ordem reflexiva; mas o espetáculo – que perfaz a apresentação.

As narrativas do aqui e agora são formas de resistência ao tempo midiático que fragmenta as formas humanas para promover colagens de acordo com a necessidade de retroalimentar a difusão de informações. Isso implica em uma “cultura do atual”.

Portanto, as narrativas do aqui e agora- no campo das mídias digitais – não são da ordem do atual, mas da cognição-reflexiva – na qual o importante é aprender as nuances das conexões necessárias aos movimentos do cotidiano. Isso é o que Bergson chama de instante e Michel Maffesoli de razão sensível.

Conclusão

Há uma nova temporalidade social construída pelas narrativas midiáticas, sobretudo no tocante à hibridização das novas tecnologias, que exige do pesquisador um domínio hermenêutico mais “apurado” para entender a diversidade estética existente no aqui e agora- que não deve ser confundido com o factual.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do Instante**. Campinas/SP: Vertus Editora, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão Sensível**. Petrópolis/RJ: Vozes. 1998.
- RICOEUR, Paul. O tempo narrado. In: **Tempo e narrativa**. Volume 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010.